

ATIVISMO EVANGÉLICO PROGRESSISTA NO BRASIL

MURILO LIMA BRUM¹; SIMONE DA SILVA RIBEIRO GOMES²

¹Universidade Federal de Pelotas – murilolimabrum@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – simone.gomes@ufpel.edu.br

1. INTRODUÇÃO

Os evangélicos progressistas emergiram no cenário religioso e político brasileiro nos anos de 1930 com a criação da Conferência Evangélica do Brasil (CEB), que foi articulada como reação a Liga Eleitoral Católica (LEC), criada para apoiar os candidatos mais conservadores favoráveis à visão católica na Era Vargas (1930-1945). Contudo, sua visibilidade só chegou durante o período da redemocratização através do Movimento Evangélico Progressista (MEP), que se alinhou a lideranças como Lula e Brizola. Nesse sentido, entende-se aqui por progressistas aqueles que se alinham, no contexto brasileiro, às pautas tradicionalmente associadas à esquerda política. Desde o início, o campo progressista evangélico se organizou a partir da articulação entre sua identidade religiosa e política com uma configuração de movimento social para realizar o seu ativismo. No decorrer das mudanças sociais nos anos seguinte e a ascensão de uma direita evangélica conservadora, o braço progressista teve um enfraquecimento e só voltou a se reorganizar a partir do contexto do impeachment da Presidenta Dilma Rousseff no ano de 2016, com forte protagonismo a partir de 2018 como resposta a uma hegemonia conservadora, agora alinhada à extrema-direita.

Os movimentos evangélicos progressistas são formados por uma diversidade de formas de ação e organização, por meio de frentes, coletivos, igrejas inclusivas, etc. Entre suas pautas, uma das principais é mostrar que não existe apenas uma maneira de se exercer a fé evangélica e que o bloco não é monolítico. Assim, essa pesquisa tem por objetivo analisar a trajetória do evangelicalismo progressista no Brasil, entre 2016 e 2025, visando compreender as dinâmicas de ação coletiva dos movimentos que o compõem, a partir do seu discurso religioso e político na sociedade brasileira. Os objetivos específicos são compreender como se dá a formação da identidade do evangélico progressista; analisar a construção do discurso progressista evangélico e a formação de suas frentes de ação; e entender como se dá a ação coletiva dos movimentos evangélicos progressistas na sociedade brasileira.

A fundamentação teórica deste trabalho partirá da sociologia histórica realizada por Charles Tilly (1978) para o estudo de movimentos sociais, mobilizando os conceitos de ação coletiva e repertórios de ação, termo sugerido por Angela Alonso (2012), para compreender essas formas de ação, organização e pensamento mobilizadas a partir de um confronto e de uma “estrutura de oportunidades”. Além disso, serão mobilizados os conceitos de identidade e memória desenvolvidos pelo sociólogo Michael Pollak (1992), que coloca a memória e a identidade como valores, e valores disputados em diversos conflitos sociais e de diferentes grupos, sobretudo quando se fala de grupos políticos. Para ele, a memória está estreitamente ligada ao social e, por isso, ligada ao que é chamado de identidades coletivas, que ele define como “investimentos que um grupo deve fazer ao longo do tempo, todo o trabalho necessário para dar a cada membro do grupo - quer se trate de família ou de nação - o sentimento de unidade, de continuidade e de coerência” (POLLAK, 1992, p. 7).

2. METODOLOGIA

A metodologia adotada será a de História Oral, classificada como híbrida e temática (GILL E SILVA, 2016). A metodologia é aplicada por meio de realização de entrevistas conversando com os conceitos de memória e identidade e com as vivências no interior do movimento, para ser possível responder a questões relacionadas a formulação e formas de ação desses movimentos evangélicos progressistas. A escolha da História Oral justifica-se pela possibilidade de acesso a informações ausentes em outros tipos de documentos, como experiências pessoais, permitindo o cruzamento dessas narrativas com diferentes fontes (DELGADO, 2010; ALBERTI, 2004). Está sendo realizado um mapeamento desses movimentos em suas diversas formas para que a partir dele se possa selecionar uma amostra para concentrar as entrevistas. Estão sendo mapeados movimentos independentes de igrejas e instituições que possuem membros diversificados, incluindo desigrejados e pessoas de outras religiões (abertura ecumônica) e aquele que estão ligados a uma igreja ou instituição específica.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa está em desenvolvimento, já tendo sido realizado um levantamento bibliográfico do que foi produzido até então sobre a temática, o mapeamento dos movimentos evangélicos progressistas ainda em andamento, paralelamente com a seleção de alguns movimentos para a amostra e o início das entrevistas. Até o momento, os movimentos mapeados foram os seguintes: Frente de evangélicos pelo Estado de direito (2017); Frente de evangélicos pela legalização do aborto (2017); Evangélicos contra Bolsonaro (2018) — na mesma esteira do “Ele não”; Cristãos contra o fascismo (2019) — coletivo com católicos; Movimento Evangélico Progressista (1997); Coletivo Entre.Nós (2015); Coletivo Esperançar; Movimento Negro Evangélico; Rede de Mulheres Negras Evangélicas (2018); Pastoral Juventude do Meio Popular — ligado a TdL; Evangélicas pela igualdade de gênero; Rede Fale; Evangélicos pelo clima; Coletivo Vozes Marias (2014); Movimento Social de Mulheres Evangélicas do Brasil; Frente de mulheres de fé por direitos e justiça; Pastoral Popular Luterana (PPL); Inclusão Luterana; Movimento Luterano pela Diversidade (MLD); Rede LGBTQIA+ Anglicana; Metodistas pela inclusão e o Movimento Metodista Negro.

O primeiro movimento selecionado para a amostra foi a Pastoral Popular Luterana (PPL). Essa seleção ocorreu por conta da proximidade geográfica com membros do movimento para ser possível o início das entrevistas de forma presencial. Nesse momento as entrevistas ainda estão em fase de transcrição e autorizações necessárias para o uso das mesmas, por isso nenhuma delas será citada nesse resumo. Nesse período também foi realizado trabalho de campo no Encontro Nacional da Pastoral Popular Luterana que aconteceu entre os dias 19 e 21 de junho em Palmitos/SC. O tema do congresso deste ano era “Fundamentalismos, conservadorismo e justiça de gênero: desafios para a Pastoral Popular Luterana”. Os relatos foram realizados no caderno de campo para serem posteriormente analisados.

Analizando previamente uma das entrevistas já se pode perceber que a separação do ser político da sua atuação religiosa é muito difícil acontecer nesse contexto progressista. Isso nos leva a pensar que a articulação entre a vivência

religiosa e o engajamento político, reflete um processo de construção de identidade que une diferentes dimensões dessas experiências sociais. Como citamos anteriormente que para Pollak (1992) uma identidade coerente exige um trabalho contínuo de unificação de sentidos, essa indivisibilidade entre o religioso e o político expressa justamente a coerência identitária construída ao longo do tempo, em que ambas as dimensões se tornam inseparáveis na constituição do sujeito.

4. CONCLUSÕES

A questão dos evangélicos tem se tornado cada vez mais complexa e alvo de pesquisas no Brasil. Isso se deve pela sua complexidade e presença cada vez maior tanto na esfera pública como em cargos públicos. Além disso, os dados do último censo divulgados pelo IBGE, mostram o evangelicalismo como uma das religiões que mais cresceu e cresce hoje na sociedade brasileira. Até o momento, uma grande parte das pesquisas sobre o tema se concentra nas vertentes conservadoras e tradicionais, havendo poucos trabalhos que abarcam o seu lado progressista e ainda mesmo a partir da lente de movimentos sociais.

Sendo assim, essa pesquisa pretende realizar uma contribuição para a literatura desta temática preenchendo a lacuna de pesquisas que realizem uma síntese do evangelicalismo progressista no Brasil, realizando uma discussão sobre identidade, memória e pertencimento com o auxílio da História Oral e mapeando e analisando os movimentos sociais organizados caracterizados como evangélicos progressistas nos termos de Charles Tilly.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALONSO, Angela. **Repertório, segundo Charles Tilly: História de um conceito.** In: Revista Sociologia & Antropologia, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 21-41, 2012.

ALBERTI, Verena. Ouvir contar. **Textos em História Oral.** Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2004.

DELGADO, Lucília. **História Oral: memória, tempo, identidades.** Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

GILL, Lorena e SILVA, Eduarda. **Perspectivas para a História Oral.** In: **Pedro Robertt; Carla Rech; Pedro Lisbero e Rochele Fachinetto. (Org.).** Metodologia em Ciências Sociais Hoje: Práticas, Abordagens e Experiências de Investigação. 1ed.Jundiaí, Santa Catarina: Paco Editorial, 2016, v. 2, p. 107-126. <https://wp.ufpel.edu.br/ndh/files/2021/05/Historia-Oral-e-suas-perspectivasmetodologicas-capitulo-de-livro.pdf>

IBGE, **Censo 2022.** Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/22827-censo-demografico-2022.html?=&t=destaques>.

POLLAK, Michel. **Memória e Identidade Social.** Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

RIBEIRO, Wallace Cabral. “**Nem todo evangélico é conservador**”: religião e política entre evangélicos de esquerda no Brasil. PLURAL: Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP, São Paulo, v. 30, n. 2, p. 300-324, jul./dez. 2023.

TILLY, C. **From Mobilization to Revolution**. Londres: Addison-Wesley Publishing Company, 1978.